UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA – CLIND

DIANE TEODORO SIMÃO

A GEOGRAFIA E OS SABERES TRADICIONAIS DO POVO KARAPOTÓ PLAKI-Ô

São Sebastião- AL
2025

Diane Teodoro Simão

A GEOGRAFIA E OS SABERES TRADICIONAIS DO POVO KARAPOTÓ PLAKI-Ô

Artigo Científico apresentado ao Curso de Geografia do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), como requisito à obtenção da nota final do trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Angela Maria Araújo Leite

São Sebastião/AL
2025

A GEOGRAFIA E OS SABERES TRADICIONAIS DO POVO KARAPOTÓ PLAKI-Ô

DIANE TEODORO SIMÃO

Aprovado em: 22 de março de 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
ANGELA MARIA ARAUJO LEITE
Data: 20/05/2025 15:40:59-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dra. Angela Maria de Araújo Leite
(Orientadora – UNEAL)

Documento assinado digitalmente
ROSA DE LIMA MEDEIROS NETA
Data: 21/07/2025 10:25:43-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Ma. Rosa de Lima Medeiros Neta
Examinadora Interna - UNEAL

Documento assinado digitalmente
JESSIKA SILVA ALVES
Data: 21/05/2025 22:56:41-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Ma. Jéssika Silva Alves
Examinadora Externa

A GEOGRAFIA E OS SABERES TRADICIONAIS DO POVO KARAPOTÓ PLAKI-Ô

Diane Teodoro Simão[1]
Angela Maria Araújo Leite[2]

Resumo

Este artigo é resultado do trabalho de conclusão de curso de Geografia da Licenciatura Intercultural Indígena – CLIND, da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Seu objetivo é analisar os saberes e práticas tradicionais do Povo Karapotó Plak-ô, buscando compreender como a valorização dessas vivências culturais podem contribuir para a permanência dos valores ancestrais e fortalecimento de sua história. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando metodologias indígenas propostas do Linda Smith (2018), com a adoção de uma escuta sensível das narrativas dos mais velhos e a documentação de suas memórias. O estudo demonstra uma profunda conexão entre o território e o povo Karapotó Plak-ô, com destaque para as práticas da agricultura de subsistência, dos rituais sagrados e da transmissão oral dos saberes. A pesquisa também explora o calendário intercultural desenvolvido pela comunidade, que integra atividades agrícolas, rituais e práticas comunitárias, resultado da relação harmoniosa com a natureza. Por fim, compreendemos que a valorização da memória e de seus guardiães contribui significativamente para a manutenção dos saberes ancestrais

Palavras-chave: Geografia indígena, Saberes tradicionais, Resistência cultural, Decolonialidade, Karapotó Plak-Ô.

Abstract

This article is the result of a final project for the Intercultural Indigenous Licentiate Degree in Geography (CLIND) at the State University of Alagoas (UNEAL). Its objective is to analyze the traditional knowledge and practices of the Karapotó Plak-Ô people, seeking to understand how the valorization of these cultural experiences can contribute to the preservation of ancestral values and the strengthening of their history. The research adopts a qualitative approach, using indigenous methodologies proposed by Linda Smith (2018), which include sensitive listening to the narratives of elders and the documentation of their memories. The study demonstrates a profound connection between the territory and the Karapotó Plak-Ô people, highlighting practices such as subsistence agriculture, sacred rituals, and the oral transmission of knowledge. The research also explores the intercultural calendar developed by the community, which integrates agricultural activities, rituals, and communal practices, reflecting a harmonious relationship with nature. Finally, we understand that valuing memory and its guardians significantly contributes to the preservation of ancestral knowledge.

Keywords: Indigenous geography, Traditional knowledge, Cultural resistance, Decoloniality, Karapotó Plak-Ô.

[1] Licencianda em Geografia, pelo CLIND/UNEAL. E-mail: diane.simao@alunos.uneal.edu.br
[2] Orientadora. Doutora em Educação pela UFRGS. Professora Titular do curso de Geografia da UNEAL, Campus I e CLIND.E-mail: angela.leite@uneal.edu.br

Considerações iniciais

Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver – Ailton Krenak

Os povos indígenas do Nordeste estão há 524 anos resistindo as tentativas de apagamento de seus saberes, sua história e suas memórias. Foi nesta região que ocorreram os primeiros contatos com o invasor, através de sua costa marinha, resistindo até os dias atuais, a todo tipo de ataque a sua identidade, dignidade e promoção de sua exclusão. Nesse sentido, é importante preservar a herança cultural dos povos originários, através de seus saberes tradicionais. Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar os saberes e práticas tradicionais do Povo Karapotó Plak-ô, buscando compreender como a valorização dessas vivências culturais podem contribuir para a permanência dos valores ancestrais e fortalecimento de sua história. Além disso, ao valorizar e documentar esses conhecimentos, estamos contribuindo para a sua transmissão às gerações futuras e para a promoção do diálogo intercultural, fortalecendo a coesão social e o reconhecimento da importância das culturas indígenas na sociedade contemporânea.

Ao promover o reconhecimento desses saberes e apoiar iniciativas que visem sua perpetuação, estamos contribuindo para um mundo mais inclusivo, respeitoso e diversificado. Desta forma, analisar os saberes tradicionais, documentar, promover e valorizar o conhecimento e práticas culturais transmitidas ao longo do tempo é de suma importância, contra as tentativas de apagamento de sua (re)existência. Isso pode incluir a proteção de patrimônio cultural imaterial, diálogo intercultural, fortalecimento da identidade cultural da comunidade e o estímulo ao desenvolvimento sustentável da tradição Karapotó Plaki-Ô, visando garantir que as gerações futuras tenham acesso e possam se beneficiar desses saberes, contribuindo para sua diversidade e a preservação da herança cultural de um povo.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com procedimentos que a intelectual Linda Smith (2018) chama de metodologias indígenas. Compreendendo que "cada história individual é poderosa. […] Esses novos relatos contribuem para a formação de uma história coletiva, em que cada pessoa indígena tem um lugar (p. 168). Através do ato da escrita de uma pessoa indígena, outras possibilidades de narrativas vão sendo colocadas em prática. Assim, adotamos a escuta sensível como forma de compreender as narrativas dos anciãos, buscando "proteger as pessoas, as comunidades, as línguas, os costumes e as crenças, as artes e as ideias, os recursos naturais e as coisas que os povos indígenas produzem (Smith, p.184).

Nossa abordagem se dará em uma perspectiva decolonial, conceito adotado a partir das discussões de Catherine Walsh que questiona a centralidade do pensamento hegemônico

europeu. Buscamos, assim, pensar a cultura a partir dos saberes ancestrais, compreendendo que o protagonismo nos coloca como autores de nossa própria história. De tal modo, vamos tecendo os pontos que constituirão a face de um povo, perseguido e violentado, mas, jamais vencido.

Geograficamente, adotamos o conceito de cultura abordado por Paul Claval (2007) que a define como "criação coletiva e renovada dos homens". Segundo o autor "Ela institui o indivíduo, a sociedade e o território onde se desenvolvem os grupos. As identidades coletivas que daí resultam limitam as marcas exteriores e explicam como diferentes sistemas de valor podem coexistir num mesmo espaço" (Claval, 2007, p. 62).

Este trabalho resulta de um olhar sobre uma comunidade, suas histórias e memórias, saberes que estão arraigados há gerações e que é resultado de encontros entre a academia, através da pesquisa científica, e da ciência originária, com os saberes produzidos individual e coletivamente, pois "não há nenhuma diferença entre a importância, o valor, o significado da ciência dos brancos e das ciências indígenas", afirma[3] Gersem Baniwa, intelectual indígena e professor da Universidade de Brasília – UNB.

Para os indígenas o espaço é concreto, mesmo vivenciado através do imaginário, no sentido de uma geografia considerada sagrada, entendendo-a como "prolongamento do corpo, definidor da identidade do sujeito, na medida em que esse espaço se apresenta carregado de memória, entidades sagradas, ancestralidade e concepções mítico-poéticas que rememoram e reconfiguram os sentidos de ser e de estar no mundo" (De Santana, p. 52).

Nessa perspectiva, abordaremos uma geografia que parte do princípio de que "o saber indígena vem de práticas comunitárias do saber ser, saber estar, saber dar uso, de um mundo que se reconhece na convivência e nas práticas" (Muñoz, 2003, p. 285), ou seja, as relações que configuram o espaço vivido e percebido pelos Karapotó Plak-Ô.

A geografia do povo Karapotó Plak-Ô

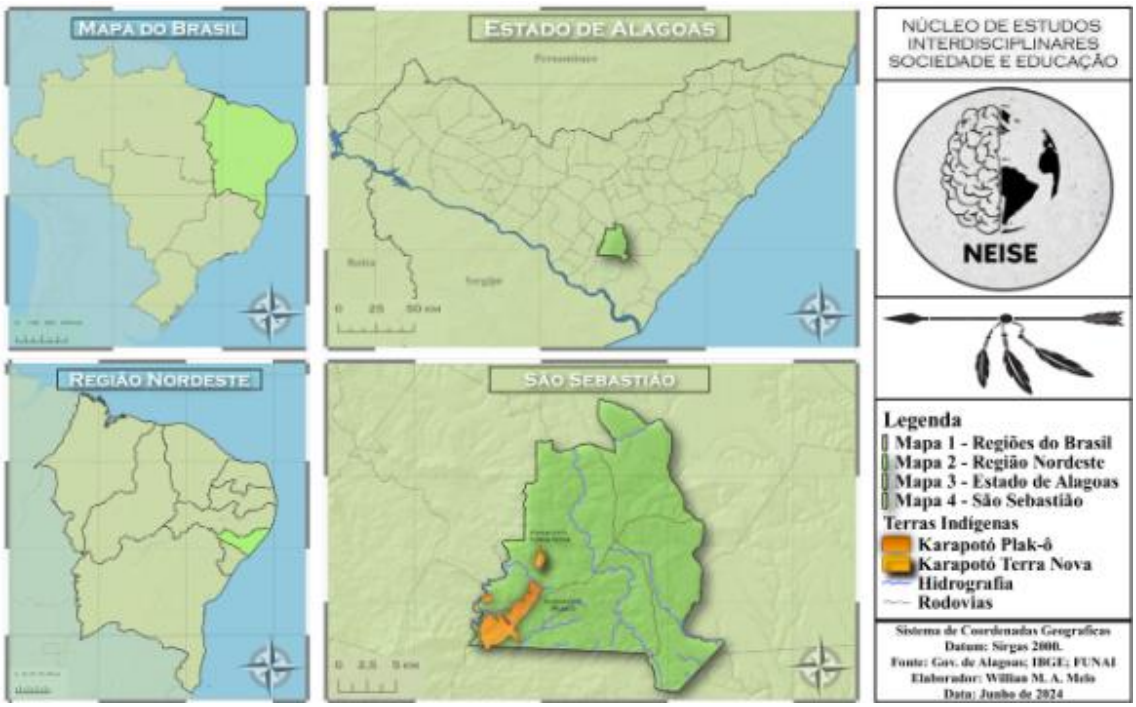
Cresça em cima de suas raízes (Povo Karapotó Plak-ô).

O povo Karapotó Plaki-Ô está localizado na região nordeste do Brasil, mais especificamente no agreste do estado de Alagoas, município de São Sebastião, e ao sul da Terra Indígena (TI) Karapotó Terra Nova, figura 1. Sua área de ocupação tradicional abrange o clima

[3] Fala proferida no pré-encontro, de forma virtual, do IX Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas - ENEI, evento com o tema "Ancestralidade e contemporaneidade: Tecendo histórias a partir das epistemologias, cosmologias, ontologias e vivências dos povos indígenas", em julho de 2022.

tropical quente e úmido, com uma altitude de 200 metros, ocupando o bioma da Mata Atlântica, influenciando diretamente o seu modo de vida, costumes e relação com o meio ambiente.

Figura 1 – Mapa de localização das Terras Indígenas Karapotó



Fonte: Governo de Alagoas, IBGE, FUNAI e NEISE
Elaboração: William Macksuel Almeida Melo

O clima, experienciado a partir das estações do ano, determina as condições para o plantio e colheita, afetando diretamente a agricultura de subsistência praticada por esse grupo. Além disso, a vegetação e o relevo influenciam as práticas de caça, pesca e coleta que são parte essencial da dieta e da economia tradicional dos Karapotó Plaki-Ô.

As características geográficas da região moldaram a cultura e as práticas cotidianas desse povo originário, ao longo dos séculos. Assim, conhecer sua geografia é fundamental para uma compreensão mais assertiva sobre a cultura e modo de ser Karapotó Plak-Ô.

As tradições e costumes desse povo indígena refletem essa relação estreita com o ambiente geográfico, manifestando-se em rituais, mitos e práticas culturais que reverenciam a natureza e os elementos presentes na região em que habitam. Como afirma Davi Kopenawa (2010, p. 187) “o nosso conhecimento geográfico não é apenas sobre os rios, montanhas e floresta, mas sobre os caminhos dos espíritos, as moradas dos antepassados e os lugares sagrados”.

A localização geográfica influencia diretamente as práticas cotidianas, crenças e tradições desse povo. A relação com o ambiente natural, a disponibilidade de recursos, as características do terreno e proximidade com outros grupos étnicos são aspectos que moldam a

identidade e as dinâmicas sociais dos Karapotó Plaki-Ô. Portanto, ao estudar a geografia da região, é possível desvendar os vínculos intrínsecos entre o povo e o ambiente em que vivem, enriquecendo assim a compreensão da cultura e do modo de vida dessa comunidade.

Nesse sentido, faremos uma abordagem sobre as relações que são estabelecidas a partir de um calendário intercultural, produzido por alunos e alunas Karapotó Plak-Ô, do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – CLIND da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL e publicado na tese de doutorado de Leite (2021, p. 156-157). São as mandalas, que expressam o cotidiano de um povo e as relações interculturais estabelecidas na comunidade. O Sagrado é a força que permanece com o povo e é inserido, através dos rituais, em todos os meses do ano, independente de indicadores climáticos, de atividades escolares ou indicadores comportamentais.

Figura 2: Calendário Intercultural de Atividades do Povo Karapotó Plak-ô

CORES	INDICADORES E ATIVIDADES
	Temporadas
	Indicadores climáticos
	Indicadores vegetais
	Indicadores de comportamento dos animais

	Atividades da comunidade
	Atividades das crianças

Fonte: Leite (2021, p. 156)

Podemos observar, como já dito anteriormente, que as atividades vivenciadas pela comunidade estão intimamente ligadas a seus aspectos geográficos, a exemplo dos indicadores climáticos. Há apenas uma atividade que está excluída dessas características, sendo praticada a qualquer tempo, independente de condições climáticas ou calendário ocidental. Durante o ano inteiro, os rituais são praticados e frequentados pelos indígenas, que desde a infância fazem parte das práticas religiosas ancestrais. Aos não indígenas ou indígenas que cresceram foram dos rituais sagrados, não é permitido frequentá-los.

Quadro 1 – Indicadores e atividades do Calendário Intercultural do Povo Karapotó Plak-ô

	Indicadores e Atividades					
	Temporadas	Indicadores climáticos	Indicadores vegetais	Comportamento dos animais	Atividade da comunidade	Atividades das crianças
Janeiro	trovoadas	calor	Período de frutas	Reprodução de anfíbios	Ritual	Brincadeiras entre as crianças
Fevereiro						
Março	Sol forte			Reprodução de animais de campo e aquáticos	Quaresma	
Abril			Plantio das lavouras			
Maio	chuvas	mormaço		Período das aranhas	Ritual	Pega as tanajuras
Junho				Aparição de insetos	Festa junina	Festa junina
Julho		frio	Período de colheita das lavouras		Ritual	Corrida na chuva
Agosto				Reprodução de animais nativos		
Setembro	sol	calor		Temporada das aves		------
Outubro				Abundancia de peixes	Festa de N. Sra. Aparecida	Festa das crianças
Novembro	Sol forte		Período de frutas	Produção avícola	Ritual	Ritual
Dezembro					Natal	Festa de Natal

A flecha indica que a atividade é realizada durante todos os meses do ano.
Fonte: Leite (2021, p. 157)

As atividades agrícolas realizadas na comunidade são prioritariamente para o consumo familiar e comercializando o excedente produzido, através das culturas da mandioca, do milho e do feijão. Batata, macaxeira e inhame são cultivados apenas para o sustento da família. Quanto aos animais, existe a criação apenas para o consumo familiar, como a criação de galinhas

(frangos), e outras criações para auto sustento e comercialização como o bode (caprinos), o porco (suíno) e o boi (bovino).

Em publicação da Organização Não Governamental – ONG Thydêwá, através do livro Percursos cartográficos: movimentos indígenas no Nordeste, Manuel, do povo Karapotó Plak-Ô, afirma que

> O inverno aqui pra gente começa de Abril pra Maio, é quando a gente começa a trabalhar na roça. A gente planta mandioca, milho, feijão, batata, é sempre o popular da gente. Aí vai até o mês de agosto, setembro, aí já é o que a gente chama aqui de enxugamento de terra. Aí nós já vai colher. Dependendo da produção da roça da gente, quando dá pra vender, nós vende, quando não dá, é só pro consumo mesmo da gente, e dos parente, que a gente sempre troca, a gente ajuda. A gente troca dia uns com os outros. Aí depois quando vai chegando o mês de setembro já vai começando a chegar o verão, é o período quente pra gente aqui, é quando eu começo a fazer artesanato, pra poder viajar, de setembro até fevereiro. Eu vou fazendo devagarzinho, pra levar depois (Thydêwá, 2015, p.26).

Além das ações espirituais que envolvem as crenças das populações originárias, há também preocupações em relação a saúde indígena, do ponto de vista da ciência ocidental. Nesse sentido, em relação aos dados da comunidade, referentes ao ano de 2024, o posto de saúde em funcionamento dentro da TI Karapotó Plak-ô apresenta os seguintes dados:

Quadro 2: Dados do Povo Karapotó Plak-Ô

População	335
Óbitos	03
Nascimentos	04
Hipertensos	47
Diabéticos	11
Idosos	38
Crianças menores de 5 anos	23
Gestantes	4
Pacientes que fazem uso de psicotrópicos	14
PCD	09

Fonte: Posto de Saúde da Comunidade/2024

É perceptível que as mudanças de hábitos das populações originárias, também produziram alterações no quadro de saúde dos povos indígenas, especialmente quanto aos povos indígenas do Nordeste. Neste caso específico, do povo Karapotó Plak-Ô, o cacique Juarez, alertou sobre as mudanças em entrevista para este trabalho, apresentado em um tópico posterior, falando sobre as mudanças ocorridas desde a sua infância.

História e memória Karapotó

Esta terra tinha dono
Tinha uma grande nação
Descoberta pelos brancos
Para nós, povos, invasão

Aqui não tinha divisa
Não tinha cerca, nem picada
Nossa riqueza era a partilha
Não se acumulava nada
Hoje tudo é garantia
Quem pratica a igualdade
Não precisa de utopia
Amotara Tupinambá

De acordo com Ferreira (2022), ao longo do processo colonizador, o Povo Karapotó sofreu perseguições e foi obrigado a se abrigar em missões religiosas, concentrando-se principalmente em Colégio, junto aos Kariri e Aconã. Dessa forma, após a expulsão dos padres, aliados dos indígenas, pouco restou ao povo. As opções eram virar vaqueiro, cuidar das terras que já lhe pertencera, ou seguir fuga para a aldeia Kariri Xokó. Ainda, de acordo com o autor,

> [...] essa situação perdurou devido ao não reconhecimento da demarcação de terras por parte dos colonizadores, agravando-se ainda mais em 1850, quando a responsabilidade da distribuição das terras ficou sob o comando do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, que extinguiu os aldeamentos em Alagoas, em 1872 (Ferreira, 2022, p. 20).

Através de um projeto realizado pela ONG Thydêwá, foi lançado uma coleção de livros denominado "Índios na visão dos índios". Entre eles, o livro "Memória", com a participação de sete comunidades indígenas. Relatando sobre a história do Povo Karapotó, podemos conhecer a versão desse povo originário, sobre a sua própria história. Nesse sentido, encontramos o seguinte depoimento:

> Na época do Brasil Colônia, missionários e portugueses disputavam a posse das terras. A Igreja ficou poderosa adquirindo inúmeras propriedades e, contrariado, o Primeiro Ministro de Portugal decretou a expulsão dos Jesuítas do Brasil. Os padres Nicolau Botelho e João Batista, ambos da Missão de Colégio de Urubu-Mirim, foram deportados e suas terras leiloadas. A maioria das fazendas foi comprada pelo Capitão Vieira de Antão, e as terras passaram para colonizadores legalizados pela Coroa Portuguesa. Nós indígenas, passamos a viver sob o medo de sermos também expulsos e massacrados pelos "novos donos" das terras. Foi exatamente isso que aconteceu: os brancos, protegidos pelo Poder Imperial, nos atacavam em nossas aldeias cada vez mais. Nós, Karapotó, permanecemos na Fazenda Boa Cica como mão de obra barata aos fazendeiros e continuamos a praticar nossos rituais, só que às escondidas, para não sermos identificados como indígenas. A ligação dos Karapotó com o Povo Kariri-Xocó vem de antiga data. Sempre trocamos visitas nos rituais e, nestas andanças, aconteciam casamentos interétnicos, fortalecendo nossos laços de amizade. Um exemplo é o caso do Pajé Manoel Paulo, de Colégio, da Nação Kariri que era casado com Chiquinha Botó, uma índia Karapotó da Aldeia Tinguí. Nos dias de hoje, nós, indígenas ainda somos perseguidos por uma política discriminatória. Fomos chamados de "caboclos" até 1978, quando os Kariri Xocó fizeram sua primeira retomada. Ainda hoje, os fazendeiros invasores do nosso território, nos chamam de "caboclos" para nos enfraquecer, achando que assim diminuem, nossos direitos sobre as terras (Thydêwá, 2012, p. 35).

O relato mostra como a colonização do Brasil foi fundamentada na exploração das terras e na imposição de sistemas de poder que marginalizavam os povos indígenas. A expulsão dos Jesuítas e a transferência das terras para fazendeiros protegidos pela Coroa Portuguesa ilustram a lógica colonial de apropriação e mercantilização do território indígena. Os indígenas

Karapotó foram reduzidos a "mão de obra barata", um exemplo da colonialidade do poder, que subordina a vida indígena aos interesses econômicos dos colonizadores.

Além disso, a perseguição dos rituais religiosos e culturais, forçando sua prática às escondidas, reflete a colonialidade do ser, que busca desumanizar os povos indígenas, negar sua identidade e subordinar suas formas de vida ao modelo hegemônico europeu. O uso do termo "caboclo" até recentemente evidencia essa tentativa de deslegitimação e apagamento da identidade indígena, reduzindo-os a uma categoria depreciativa que nega sua ancestralidade.

Apesar das tentativas sistemáticas de apagamento, a fala destaca a resistência cultural e política dos Karapotó e de outros povos indígenas. A manutenção dos rituais, mesmo que em segredo, mostra como os povos originários encontram formas de preservar sua identidade e espiritualidade. O fortalecimento dos laços interétnicos com os Kariri-Xocó, por meio de casamentos e trocas culturais, é um exemplo de como os povos indígenas resistem à fragmentação imposta, reforçando sua unidade e identidade coletiva.

O relato também aponta para a continuidade do projeto colonial na contemporaneidade, onde práticas discriminatórias e racistas ainda são utilizadas para enfraquecer as reivindicações indígenas. Entretanto, a resistência persiste, e os Karapotó continuam reivindicando sua identidade e suas terras.

Através do percurso da escuta, buscamos ouvir o Cacique Juarez, sobre a sua história vivenciada junto aos Karapotó, para se manter enquanto povo, e registramos a seguinte fala:

> "Meu nome é cacique Itapó, Juarez de Souza. O nome 'Itapó' vem da minha origem, mas o nome Juarez foi dado na igreja pelo padre, pelos brancos, quando fui batizado. Eu sou cacique Itapó, da aldeia Karapotó Plak-ô, do tronco Macro-Jê. Nasci na lagoa Manibú, aqui nessa região mesmo. Depois, fui para Porto Real do Colégio, porque minha mãe era de lá. Ela sempre manteve contato com a aldeia daqui, ia e voltava.
> Desde os meus dez anos, comecei a caminhar por essas terras e a entender que isso aqui era nosso. Foi por isso que nunca desisti. Continuei com essa esperança, com esse sonho de um dia ver essas terras reconhecidas como nossas. Hoje, deixo tudo nas mãos de Deus, de Tupã, e também nas nossas mãos. Por isso, agradeço a Deus. Karapotó Plak-ô, o que é para mim hoje, sempre foi um sonho. Um sonho que lutei para realizar com a verdade. Eu procurei os procuradores, os homens das leis, os historiadores. Professor Sávio, de Maceió, por exemplo, passou quase 15 dias com a gente aqui. Junto com ele, lancei até um livro.
> Karapotó, para mim, é tudo. É tudo para nós, é muita coisa. Do meu conhecimento, essa aldeia sempre nos pertenceu. Quando fui atrás, descobri que ela estava considerada extinta. Corri atrás, lutei para resolver isso, para trazer um novo reconhecimento. Eu quis entender por que os Karapotó tinham sido considerados

extintos lá por volta de 1800. A resposta foi que muitos indígenas preferiram “se extinguir” para não morrerem.
Então, agora estamos aqui para continuar. Eu fui até Brasília, e lá me perguntaram: ‘O senhor quer morrer?’ Eu respondi: ‘Não quero morrer, mas, se for pela terra dos Karapotó, eu morro.’ É assim que enfrentei tudo até hoje.
Aqui em Karapotó, nós não estamos falando mentiras, nem inventando nada. Karapotó Plak-ô tem fundamentos, tem história, tem verdade. Não adianta eu sair por aí, no Brasil ou em qualquer lugar, e dizer que minha aldeia é isso ou aquilo sem ser verdade.
Por isso, eu sempre digo: o que é Karapotó para mim? É tudo. Sempre foi um sonho que precisava ser realizado. E, embora já tenha conquistado muito, ainda falta. Falta recuperar doze mil hectares. Hoje, temos mil e cento e dez hectares. Então, a luta continua."

Figura 3: Cacique Juarez Itapó

Fonte: De autoria própria

É crucial reconhecer que o sistema colonial não é algo do passado; ele continua a moldar as relações de poder, os sistemas econômicos e as narrativas históricas. A fala e a luta do Cacique Juarez Itapó desafiam essas estruturas ao reivindicar a história, identidade e direitos de seu povo. Essa resistência é a valorização de conhecimentos e perspectivas que foram historicamente silenciados.

Os Karapotó não apenas resistem à exclusão, mas também criam uma contra narrativa que expõe as violências do projeto colonial e propõe formas alternativas de existir e se relacionar com o território e com outros povos. Essa luta pela sobrevivência cultural e territorial

que desafia a lógica do apagamento e reafirma a centralidade dos saberes indígenas na construção de um futuro mais justo e plural.

(Re)existência: Dando ouvidos e registrando as memórias e testemunhos do mais velhos

> Os povos originários ainda estão presentes neste mundo não porque foram excluídos, mas porque escaparam, é interessante lembrar isso". Ailton Krenak[4]

Para preservar tradições e saberes, transmitidos pelos mais velhos, é preciso ouvir atentamente as memórias e testemunhos dos anciãos, fundamental para manter viva a rica herança cultural do povo. Através dessas narrativas, os saberes tradicionais são preservados e transmitidos às gerações futuras, garantindo a continuidade da identidade e da história do povo Karapotó Plaki-Ô. Essa atitude de escuta atenta e valorização das experiências dos mais velhos é essencial para fortalecer a resiliência e a identidade cultural dessa comunidade.

Através dos cursos do CLIND, registros da história e das tradições indígenas dos diversos povos existentes em Alagoas estão sendo produzidos ou resgatados e apresentados em redes sociais e publicações acadêmicas, a exemplo deste trabalho, confirmando a importância de registrarmos, enquanto ainda é possível, as memórias dos nossos anciãs e sua herança às gerações presentes e futuras.

Ainda, no livro Memória, no capítulo que trata sobre o povo Karapotó, escrito por Nhenety Kariri Xokó, Marcelo e Irany Karapotó, encontramos um relato sobre a histórica resistência do povo e suas tradições. É um testemunho valioso que evidencia a profunda conexão dos Karapotó Plak-Ô com seus territórios ancestrais e destaca sua resistência histórica frente aos impactos da colonização.

> Muito antes da colonização europeia, a região do Rio Opara, hoje conhecida como Vale do São Francisco, era habitada por diversas nações indígenas, entre elas, os Karapotó.
> Nosso povo vivia na Mata Atlântica, do litoral até a Caatinga. Habitávamos próximo aos rios: Opara (Rio São Francisco), Poxim em Pacatuba (SE), Boa Cica e Itiuba (AL), e dos rios da Serra do Comunaty (PE).
> Em função da abundância de caça e pesca no entorno, as moradas eram construídas às margens dos rios. Após quatro invernos, os índios se deslocavam para outro local, seguindo esta tradição por várias gerações.
> Nossos antepassados também gostavam de habitar próximo às lagoas com fontes de argila para a confecção da cerâmica.
> Contam os Karapotó mais velhos que os nossos antigos praticavam uma técnica de pesca usando o Tinguí, espécie de veneno que atordoava os peixes, facilitando a captura.
> Sua agricultura era através da Coivara, que consiste na derrubada de um pequeno pedaço de mata, seguido de sua queima. Assim, plantavam suas roças de milho, abóbora, amendoim, mandioca, macaxeira, algodão, fumo e urucum.
> A mandioca sempre foi a base da nossa alimentação. Até hoje, nós, Karapotó, preparamos o beiju, a tapioca, o bolo de massa puba e, principalmente, a farinha.

---

[4] Krenak (2020, p. 111-112).

> Antigamente, as caças mais consumidas eram: paca, cutia, veado, teiú, tatu e capivara. Entre as aves, comíamos: nambu, nancupé e zabelê. Os caçadores Karapotó eram grandes conhecedores do comportamento animal e imitavam, muito bem, o som de aves para facilitar nas caçadas.
> Por muitas gerações, a terras ocupadas mantiveram seus ecossistemas intactos porque os indígenas só tiravam o necessário para sua sobrevivência.
> Mas muita coisa mudou após a ocupação europeia na região. Hoje, nossas índias não trabalham mais com o barro, muitas caças foram extintas e nossas terras foram invadidas. Mesmo assim, conservamos em segredo nossos valores nativos sobre cultura e espiritualidade baseadas no convívio com a natureza. É essa memória que nos faz resistir como povo (Thydêwá, 2012, p. 30).

O relato apresenta um panorama das atividades cotidianas, como a produção de cerâmica, o preparo de alimentos derivados da mandioca e as estratégias de caça, destacando a engenhosidade e a sabedoria ancestral do povo Karapotó. Essas práticas, muitas vezes realizadas em comunhão com a espiritualidade, demonstram como a cultura material e imaterial dos Karapotó é intrinsecamente conectada à natureza.

Além disso, práticas como a pesca com o Tinguí e a agricultura de coivara exemplificam conhecimentos tradicionais transmitidos por gerações, adaptados aos ciclos naturais. Essa relação harmoniosa com o meio ambiente contrasta com as práticas predatórias impostas pela colonização, que devastaram os ecossistemas locais.

O relato também evidencia as consequências devastadoras da colonização, como a extinção de espécies, a invasão territorial e o abandono de tradições como o trabalho com o barro. No entanto, a resistência do povo Karapotó é reafirmada pela preservação dos valores originários “em segredo” e pela memória cultural transmitida oralmente.

A ênfase na memória, especialmente nas histórias contadas pelos mais velhos, é um aspecto fundamental da resistência Karapotó. Essa prática de transmissão oral mantém vivas as tradições, valores e cosmologias do povo, garantindo sua continuidade e identidade coletiva. A menção ao preparo do beiju, tapioca e farinha como alimentos fundamentais simboliza a preservação de uma identidade cultural alimentar que resiste às mudanças impostas pelo tempo e pela colonização.

Por fim, o relato de Nhenety, Marcelo e Irany não é apenas uma descrição histórica, mas um manifesto de resistência cultural e política. Ele ressalta a importância de preservar a memória coletiva, o território e os valores ancestrais como fundamentos da identidade Karapotó Plak-Ô. Essa narrativa contribui para a valorização da história indígena brasileira, reafirmando a centralidade dos saberes tradicionais na construção de uma alternativa ao modelo colonial de exploração e tentativas de apagamento.

Ainda na prática de dar ouvidos aos mais velhos, conversamos com D. Maciana, anciã de 94 anos, parteira da comunidade, respeitada por ser guerreira e trazer várias vidas ao mundo, nos partos das mulheres Karapotó Plaki-Ô. Seu relato é uma rica contribuição à cultura e à tradição do povo Karapotó Plak-Ô:

> Eu costurava na mão. Um dia, minha tia Chiquinha, a Maciana grande, disse: 'Tenho minha máquina aqui. Quando achar que precisa, venha costurar.' Então, fui buscar a máquina de mão. Quando entrei na escola, me chamaram para aprender. Foi um menino, do tamanho desse que chegou aqui do Zé, quem me ensinou como era o movimento de costurar na máquina de pé. E eu aprendi.
> Aprendi muita coisa, minha filha. Aprendi a pegar menino, a fazer o que eu podia com as forças que eu possuía. Meus patrões, os donos dos terreiros sagrados — o santo Ouricuri, o terreiro sagrado — sempre me guiaram. Eu tô aqui perdida, sabe? Não sou alagoana, não. Minha lei é Brejo dos Padres, no município de Tacaratu. E hoje chamam de Pankararu.
> Olha, não sei quantas vezes foi, mas um bocado de gente que eu peguei já se formou, casou, já teve filhos. Eu já não sou só mãe, viu? Sou avó, sou bisavó. E nunca cobrei nada por isso. Me perguntaram outro dia: 'E você, agora, o que não aprendeu durante os estudos?' Eu só estudei até a quinta série, mas aprendi o que precisava. Minha filha, até aplicar uma injeção numa pessoa eu consegui! Mas o resto, quem sabia mesmo era a velha Maciana.
> De primeira, minha filha, não tinha negócio de ir para médico ou hospital, não. Pelo que aprendi, nem sei a quantidade de gente que me chamava. Nunca foi para hospital, era comigo mesmo. Quando saía de casa, já sabia: 'Maciana, estão chamando a senhora lá porque tem uma mulher com dor.' Eu já entendia: ela tava buchuda! Aí, eu, índia velha, me pegava com o santo Ouricuri, o terreiro sagrado. Me concentrava, sabe? Quando eu chegava na casa da mulher, já ia alegre, porque sabia que ia receber aquele bebê nas minhas mãos.
> Chegava lá, via a mulher e já reparava: 'Tá tudo a caminho, é pra eu pegar.' E assim era. A mulher com dor, eu chamando, e ela me chamando. Mandava ela sentar, balançava ela, e com o santo Ouricuri e minhas rezas, fazia minha cura. Pouco tempo depois, o bebê nascia, e eu ficava alegre, porque sabia que já ia pegar.
> Nunca cobrei nada, minha filha, em lugar nenhum que andei. Olha, ali tem a Maria, do compadre Nilo. Tem a mulher do compadre Morcego, que é filho do Zé Herculano. Tem a comadre Tata, do compadre Veio. Tem a mulher do compadre Elias e os filhos dele. Minha filha, nem lembro mais a conta. Mas nunca, nunca mesmo, deixei de resolver.
> Graças a Deus, tive sete filhos: seis homens e uma mulher. Essa sou eu, Maciana.

Figura 4: D. Marciana - parteira

Fonte: De autoria própria

D. Maciana encarna o papel de guardiã dos saberes tradicionais, que envolvem práticas de cura, parto e espiritualidade. Seu conhecimento, aprendido com "as forças que possuía" e guiado pelo "santo Ouricuri" e pelo "terreiro sagrado", demonstra a continuidade de práticas ancestrais que resistem as tentativas de apagamento cultural. A habilidade de atender partos, além de outros cuidados comunitários, evidencia o protagonismo das mulheres indígenas na manutenção da saúde coletiva e espiritual do grupo.

A anciã desempenhou um papel fundamental como líder comunitária, mesmo sem reivindicar esse título formalmente. Seu trabalho de parteira e cuidadora não apenas atendia necessidades práticas, mas também fortalecia laços comunitários. Ela é descrita como alguém que nunca cobrava pelos serviços, o que reflete o valor da reciprocidade e do cuidado coletivo no modo de vida indígena.

Ao mencionar a alegria de receber cada bebê em suas mãos, D. Maciana demonstra como seu trabalho é profundamente espiritual e comunitário, entrelaçado com valores de solidariedade, amor e respeito pela vida. O relato também ilustra como ela resistiu à substituição dos saberes tradicionais por práticas modernas. Apesar de reconhecer as limitações de sua educação formal ("só estudei até a quinta série"), ela afirma ter aprendido "o que precisava", enfatizando o valor de um conhecimento alternativo, construído fora dos espaços educacionais formais.

Reflete sua identidade como mãe, avó e bisavó, destacando a continuidade das gerações e o papel das mulheres na transmissão de saberes e valores. Ao afirmar que "já não sou só mãe", ela ressalta o impacto de suas ações para além de sua família direta, estendendo-se à comunidade como um todo. Essa conexão intergeracional fortalece a identidade cultural dos Karapotó Plak-Ô e assegura a sobrevivência de suas tradições.

D. Maciana é um símbolo vivo da resistência e resiliência do povo Karapotó Plak-Ô. Seu relato revela uma mulher que, com humildade e sabedoria, construiu um legado cultural inestimável, baseado no cuidado, na solidariedade e na espiritualidade. Sua contribuição vai além do papel de parteira, pois ela se torna uma ponte entre o passado e o futuro, assegurando que os saberes tradicionais e os valores comunitários permaneçam vivos e atuantes. A história de D. Maciana é uma celebração da riqueza cultural e espiritual dos povos indígenas e uma inspiração para a preservação de suas tradições.

Os saberes tradicionais e o modo de ser Karapotó Plak-ô

Os saberes tradicionais representam um rico conjunto de conhecimentos acumulados e transmitidos por gerações. Eles englobam práticas, crenças e técnicas que moldam a cultura e a identidade de diferentes comunidades. No caso dos povos indígenas, esses saberes são fundamentais para a manutenção de seus modos de vida, orientando desde práticas sustentáveis de agricultura até rituais religiosos, medicina tradicional, artesanato, música e dança. Como afirma a indígena neozelandesa, pertencente aos povos Ngãti Awa e Ngãti Porou Iwi, Linda Tuhiwai Smith, "compartilhar saberes é também um compromisso de longo prazo" (2018, p. 174), reforçando o papel essencial desses conhecimentos na perpetuação da cultura e na resistência histórica dessas comunidades.

O povo Karapotó Plak-ô exemplifica a riqueza dos saberes tradicionais indígenas. Esses conhecimentos refletem uma profunda conexão com a natureza e com os antepassados, moldando suas práticas cotidianas e valores culturais. O modo de ser Karapotó Plak-ô abrange uma relação intrínseca com a terra, a oralidade, os rituais sagrados e a preservação das práticas ancestrais, demonstrando que tais saberes são vivos e dinâmicos.

No entanto, esses conhecimentos enfrentam desafios significativos, como a perda cultural de alguns elementos, resultante de processos históricos de colonização e a pressão de forças externas que ameaçam o território e a autonomia dos povos indígenas. Os rituais, festividades, e a valorização da oralidade são exemplos concretos de uma vivência cultural.

Embora haja crescente reconhecimento da importância dos saberes tradicionais para a preservação cultural e ambiental, poucos estudos abordam, de forma detalhada, como esses conhecimentos moldam o modo de vida e a identidade do povo Karapotó Plak-ô. Há uma lacuna na documentação e análise sistemática dos saberes relacionados às técnicas de agricultura no semiárido, medicina tradicional e expressões culturais como música e dança.

Preservar os saberes tradicionais do povo Karapotó Plak-ô não é apenas uma forma de valorizar o patrimônio cultural brasileiro, mas também de aprender com práticas que promovem a sustentabilidade, resiliência e harmonia com a natureza. Além disso, este estudo contribui para o fortalecimento dos direitos humanos e indígenas, destacando a importância da diversidade cultural. Como ressaltado, esses saberes não apenas enriquecem a cultura nacional, mas também oferecem lições que podem beneficiar toda a humanidade. Por fim, a documentação e análise dessas práticas podem servir como base para políticas públicas mais eficazes e culturalmente sensíveis, promovendo tanto a diversidade cultural quanto a autodeterminação das comunidades indígenas.

Considerações finais

A pesquisa nos mostrou uma profunda interconexão entre o espaço geográfico e as tradições culturais do povo Karapotó Plak-ô. Durante o andamento deste trabalho, observou-se que a geografia oferece ferramentas fundamentais para compreendermos as dinâmicas sociais, econômicas e ambientais que caracterizam a vida do povo Karapotó.

O trabalho destacou o papel do conhecimento geográfico na contribuição para preservação da identidade cultural, especialmente diante dos desafios que a sociedade atual impõe aos povos indígenas, como a globalização e as pressões econômicas que os povos originários enfrentam cotidianamente, sobre seus modos de vida.

O curso de geografia do CLIND proporcionou uma formação sólida, contribuindo com o desenvolvimento de um olhar crítico e interdisciplinar sobre as temáticas dos povos indígenas, especialmente no território alagoano. As metodologias apreendidas foram fundamentais para orientar as pesquisas de campo, que desvelou vozes e narrativas, por vezes invisibilizadas. A reflexão sobre o tratamento com a natureza e respeito às práticas tradicionais nos mostrou que esses saberes devem ser reconhecidos e valorizados em suas dimensões sociais e culturais.

Esta pesquisa contribuiu não apenas para uma melhor compreensão das particularidades geográficas do povo Karapotó, mas também reforçou a importância de ações que proporcionem a valorização das culturas tradicionais. A geografia se apresenta, assim, como uma aliada indispensável na construção de um futuro, com equidade, para os povos originários, proporcionando instrumentos eficazes para que suas tradições continuem sendo celebradas e preservadas.

Podemos afirmar que o objetivo da pesquisa foi atingido, uma vez que conseguimos analisar os saberes e práticas tradicionais do povo Karapotó Plak-Ô, compreendendo a valorização das vivências culturais e sua contribuição para a permanência dos valores ancestrais e o fortalecimento de sua história. A partir dos relatos analisados, pudemos constatar que as práticas narradas evidenciam a riqueza cultural, espiritual e histórica do povo Karapotó, bem como sua resistência às adversidades impostas pelo tempo e pelo bárbaro processo colonizador.

Os resultados nos mostraram que, mesmo diante de perdas territoriais, impactos da colonização e transformações socioeconômicas, os Karapotó preservaram práticas ancestrais como o uso da mandioca na alimentação, os rituais espirituais relacionados ao santo Ouricuri e

a transmissão oral de histórias e saberes ancestrais. Esses encontros confirmam que a valorização e a documentação dessas práticas são fundamentais para o futuro do povo, com a contínua preservação dos valores culturais e o fortalecimento da identidade originária.

Por fim, sugere-se que um dos caminhos para pesquisas futuras seja o aprofundamento da relação entre espiritualidade e sustentabilidade ambiental nas práticas Karapotó, bem como, um olhar mais apurado sobre os impactos das retomadas de terra no fortalecimento identitário, uma vez que não foi possível fazermos neste espaço de tempo e de escrita. É nossa conclusão.

Referências

BERGER, Peter L, LUCKMANN, Thomas**. Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2004.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei No. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. (com redação atualizada).

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural.** Florianópolis: EDUFSC, 2007.

DE SANTANA, José Valdir Jesus. Globalização e saber indígena: na "geografia do sagrado" a possibilidade de construção de uma identidade étnica. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana-SE, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/5496. Acesso em: 10 dez. 2024

FERREIRA, José Robson Gonçalves. **A formação urbana de São Sebastião/AL: da presença indígena aos caminhos das tropas.** 2022. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso - TCC – Curso de Geografia, Campus I, Universidade Estadual de Alagoas, Arapiraca, 2022.

KOPENAWA, Davi. **A queda do Céu**: palavras de um Xamã Yanomami (2010, p. 187).

KRENAC, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo. São Paulo:** Companhia das Letras, 2017.

_____. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas**: espaço, cultura e política no Brasil. 4a. ed. São Paulo: Hucitec, Annablume, 2002. (Geografia: teoria e realidade, 15).

MUÑOZ, M. G. Saber indígena e meio-ambiente: experiências de aprendizagem comunitária. In: LEFF, Enrique (coord.). **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.

SMITH, L. T. **Descolonizando metodologias**: pesquisa e povos indígenas. Trad. Roberto G. Barbosa. Curitiba: Editora UFPR, 2018

THYDÊWÁ. **Índios na visão dos Índios**. 2012. Disponível em: https://www.thydewa.org/downloads1/. Acesso em: 12 nov. 2024.

THYDÊWÁ. **Percursos cartográficos**: movimentos indígenas no Nordeste. 2015. Disponível em: https://www.thydewa.org/downloads1/. Acesso em: 6 nov. 2024.